

O chamado e ministério de Paulo, seguindo os passos dos profetas de Israel

The calling and ministry of Paul,
following in the footsteps of the
prophets of Israel

*Élcio Bernardino Correia**

Resumo: Este artigo tem como objetivo mostrar que embora o apóstolo Paulo não chame a si mesmo de profeta, ainda assim faz sua apresentação em suas cartas nos mesmos moldes que os profetas do Antigo Testamento. O artigo aponta as várias semelhanças entre Paulo e os profetas. Procura-se fazer uma análise e interação com a Escritura bem como literatura pertinente ao tema. Conclui-se que o Apóstolo fundamenta a autoridade de seu chamado, destacando o aspecto profético de seu apostolado. Evidencia-se que o Apóstolo possuía uma consciência do caráter profético de sua pessoa, missão e mensagem. É chamado e enviado diretamente por Deus, registra a Escritura de maneira inspirada pelo Espírito e tem um profícuo ministério de pregação e ensino.

Palavras-chave: Paulo; Chamado; Profeta; Escritura; Espírito.

* Mestre em Teologia pela PUC/SP. Membro do corpo docente do Seminário Batista Logos de São Paulo onde leciona Teologia Sistemática. E-mail: angellos@ig.com.br

Abstract: This article aims to show that although the apostle Paul did not call himself a prophet, still makes his presentation in his letters in the same way that the Old Testament prophets. The article points out the many similarities between Paul and the prophets. It seeks to analyze and interact with Scripture and literature concerning the matter. We conclude that the Apostle founded the authority of his call, highlighting the prophetic aspect of his apostolate. It is evident that the Apostle had a awareness of the prophetic character of his person, mission and message. It is called and sent directly by God, records the Scripture inspired by the Spirit and has a fruitful ministry of preaching and teaching.

Keywords: Paul; Call; Prophet; Scripture; Spirit.

Introdução

A biografia do apóstolo Paulo é caracterizada pela pluralidade de papéis e ministérios. Ainda que não destacado tão diretamente quanto os outros títulos de Paulo, o ser profeta também faz parte de seu chamado.

Becker¹ reiteradas vezes menciona que Paulo relata a sua conversão recorrendo à linguagem convencional da vocação profética; e fundamenta sua autoridade como enviado de Deus, destacando o aspecto profético de seu Apostolado. Sem prejuízo da proeminência do título de Apóstolo, Paulo, define sua posição a partir das tradições proféticas.

Kim destaca o aspecto audível² do chamado profético de Paulo:

Se Paulo interpreta sua própria experiência em Damasco como um chamado similar a um chamado profético, tal qual Isaías e

¹ BECKER, J. Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia. p. 113-124.

² FINNY, P. "Apostle to the Gentiles", the Origins of Pauline Pneumatology. p. 158-160. Este outro autor destaca tanto o aspecto audível quanto o visual salientando o sentido do verbo (ὄραω) "ver" (cf. 1Cor 9,1) quanto o substantivo (ἀποκάλυψις) "revelação" (cf. Gl 1,12).

Jeremias, ele implica alguma forma de comissionamento verbal, devido ao fato que o aspecto auditivo estava presente em ambos os casos: Note a expressão (וַאֲשַׁמַע אֶת־קוֹל אֲדֹנָי אִמֶּר) “Então eu ouvi a voz do Senhor dizendo” (cf. Is 6,8) e a expressão (דְּבַר־יְהוָה אָלַי לֵאמֹר) “A palavra do Senhor veio para mim, dizendo” (cf. Jr 1,4). Ele interpreta sua própria experiência em Damasco como um chamado equivalente ao chamado profético. Os três relatos de sua experiência em Atos mostram que Paulo ouviu uma voz diretamente. Em Gl 1,15-16 também temos a indicação de uma voz o que corresponde a Atos 26,17-18.³

Em outras palavras, nota-se o caráter profético alusivo de forma marcante na construção retórica das cartas de Paulo. Sua autocompreensão como profeta é evidenciada pelos termos que ele escolhe na composição de seus relatos autobiográficos sobre sua conversão e vocação.

Segal⁴ também relaciona a conversão/vocação de Paulo com os profetas de Israel. Ele comenta que Lucas tinha a intenção em sua redação que a conversão de Paulo fosse entendida como um chamado profético. A descrição da conversão de Paulo, como relatada por Lucas pode ser traçada até a Bíblia Hebraica e os temas dos chamados proféticos, fazendo paralelos com o comissionamento de Jeremias (Jr 1,5-11) e Isaías (Is 6,1-9). Estes temas incluem um encontro com Deus, um comissionamento divino, uma resistência do profeta, confirmação divina e preparação para a tarefa através de sinais e maravilhas. Este mesmo autor faz um paralelo muito interessante entre Paulo e Ezequiel:

Ezequiel teve uma visão⁵ de uma figura na forma de homem, o qual é chamado “a semelhança da imagem da Glória de Deus”.

³ KIM, T. H. The Origin of Paul's Concern for the Gentiles and Paul's Gentile Mission. p. 232.

⁴ SEGAL, A. F. Paul the Convert. The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee. London: Yale University Press, 1990, p. 9.

⁵ Cf. Ez 1,26-28; 2,1-7.

Quando Ezequiel vê a Glória de Deus, ele relata: “Caí sobre o meu rosto, e ouvi a voz de quem falava” (Ez 1:28). O Senhor então ordenou a Ezequiel para levantar-se, dizendo: “Filho do homem, põe-te em pé, e falarei contigo” (...). De acordo com Lucas, Paulo também tem uma revelação da Glória de Deus. Paulo ouve uma voz falando e isto é claramente uma voz revelatória porque Paulo reage como o fez Ezequiel: ele cai ao chão. Paulo em Lucas então se levanta, mas com uma modificação significativa: Ele recebe a tarefa para ir às nações estrangeiras para proselitizar uma nação de rebeldes, gentios mais do que judeus como em Ezequiel (...) Noções religiosas ocidentais de conexão entre conversão e vocação são baseadas sobre a história de Lucas sobre Paulo, mas esta história mostra que o fenômeno religioso e emocional da conversão foi entendido pela geração contemporânea de Paulo, tanto de judeus quanto cristãos como um comissionamento profético para divulgação da palavra de Deus para uma determinada audiência.⁶

Para o autor⁷ acima, Lucas apresenta explicitamente Paulo tanto como Apóstolo quanto Profeta e discorre mais sobre o paralelo entre Paulo e Ezequiel. Salienta a preponderância e intersecção da expressão “Glória do Senhor” com referência a Cristo nos escritos paulinos (cf. Rm 6,4; 9,23; 8,17-18.29; 1Cor 2,8; 15,49; 2Cor 3,16-4; 6.15-17; Ef 1,17-18; 3,16; Fp 3,21; 4,19; Cl 1,27; 3,4). Afirma que a conexão feita por Lucas entre o chamado de Ezequiel pode ser vista claramente nos próprios escritos do Apóstolo. Lucas apresenta a primeira interpretação da conversão de Paulo, configurando-a em termos do comissionamento profético de Ezequiel: Como uma conversão, comissão ou vocação. O movimento de Paulo em direção a Cristo e seu seguimento é interpretado como resultado de uma revelação da imagem da Glória de Deus.

Paulo, de fato, conhecia profundamente os registros proféticos das Escrituras de Israel e valeu-se destas muitíssimas vezes. O uso

⁶ SEGAL, A. F. Paul the Convert. The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee. p. 9.

⁷ SEGAL, A. F. Paul the Convert. The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee. p. 10-11.

paulino da expressão “palavra do Senhor” (λόγου κυρίου), concernente a seus ensinamentos sobre a volta do Senhor (cf. 1Ts 4,15-17), é semelhante ao uso formal da expressão equivalente no Antigo Testamento “palavra do Senhor” (דְבַר־יְהוָה, cf. Jr 1,2; Ez 1,3; Os 1,1; Jl 1,1).

Aune⁸ demonstra que no judaísmo rabínico do Segundo Templo, a profecia era geralmente entendida como subordinada à Torá. Moisés foi designado como um legislador e profeta; Profetas posteriores, inclusive profetas escatológicos eram considerados como especialmente capacitados para a interpretação da Torá (cf. 1Mc 4,46).

Ciampa descreve Paulo como consciente de um Apostolado que tem um fundamento profético:

A maneira de Paulo revelar sua própria pessoa na aura e glória de Deus e seu Cristo também é reminescente da prática de identificar a autoridade e mensagem de alguém com Deus (...) A pregação do Evangelho pode em si mesma ser entendida como um ministério profético, baseada, como de fato o é na proclamação profética da restauração escatológica do povo de Deus. Neste sentido, o conceito do Evangelho em si mesmo está carregado de promessas e conceitos proféticos. Ao enfatizar que toda a sua vida e ministério gira ao redor da ministração da palavra das boas novas da restauração escatológica, Paulo já tem sugerido que seu ministério também é profético.⁹

Paulo, portanto, segundo Evans,¹⁰ entendia o Apostolado em termos da tradição profética veterotestamentária. A relação é nítida porque tanto Moisés (cf. Ex 3,10-15) quanto os profetas são os que foram “enviados” pelo Senhor (cf. Is 6,8; Jr 1,7; 7,25; Ez 2,3). No Novo Testamento o Senhor Jesus emprega terminologia evidentemente

⁸ AUNE, D. E. *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World*. Grand Rapids, Michigan: W. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 97-100.

⁹ CIAMPA, R. E. *The Presence and Function of Scripture in Galatians 1 and 2*. WU-ZNT 102. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998, p.235.

¹⁰ EVANS, C. A. Paulo como profeta em HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. Eds *Dicionário de Paulo e suas cartas*. p. 1018-1021.

semelhante ao chamado e incumbência profética em relação aos Apóstolos (cf. Mt 23,37; Mc 1,2; Lc 9,2; 10,3; 13,34; 22,35).

Evans analisa esta ligação entre profetas e apóstolos a partir do tratamento que Paulo faz de Isaías em sua carta aos Romanos:

De interesse ao presente estudo é o entendimento de Paulo quanto às “boas novas” (...) Há mais de vinte anos Ferdinand Hahn fez uma sugestão intrigante de que o conceito de Cristianismo do apóstolo é traçado desde Is 61:1 (...) No contexto de Rm 10:15, onde parte de Is 52:7 é citado, nós temos provavelmente alusões a Is 61:1. No v. 8 Paulo se refere à palavra da fé “a qual nós pregamos” (κηρύσσομεν). Novamente no v. 14 ele pergunta “como ouvirão se não há quem pregue?” (κηρύσσοντες). No v. 15 ele pergunta “como eles pregarão (κηρύξωσιν) se não forem enviados? (ἀποσταλώσιν). A combinação de (κηρύξωσιν) e (ἀποσταλώσιν) provavelmente faz alusão a Is 61:1 “...para proclamar boas novas aos pobres ele tem me enviado (ἀπέσταλκέν)... para pregar (κηρύξει) liberdade aos cativos”. A ocorrência de (εὐαγγελίσασθαι) na citação de Is 52:7 provê, naturalmente, uma ligação com Isaías 61 onde o mesmo verbo (εὐαγγελίζω) ocorre.¹¹

Evans¹² prossegue afirmando a probabilidade do entendimento que Paulo tinha de si mesmo como um profeta dos últimos dias, devido ao seu chamado, visões, maneira de falar sobre si mesmo e seu ministério, seu uso das Escrituras e apresentação de si mesmo como um embaixador de Deus. A ligação entre apóstolo e profeta é em si mesma, importante. Se um profeta deve proclamar as “boas novas” (como é explicitamente expresso em Is 61,1-2), então o entendimento dos apóstolos como profetas provê a garantia necessária para a proclamação apostólica das boas novas.

¹¹ EVANS, C. A. From Gospel to Gospel: The Function of Isaiah in the New Testament in BROYLES, C. C.; EVANS, C. A. Writing and Reading the Scroll of Isaiah. Studies of an Interpretative Tradition. Vol 2. Leiden: Brill, 1997, p. 687-689.

¹² EVANS, C. A. From Gospel to Gospel: The Function of Isaiah in the New Testament. Leiden: Brill, 1997, p. 687-689.

O Apóstolo tanto tinha ciência que a palavra profética era fruto de revelação divina que assim configura o Antigo Testamento como o fundamento, e o Evangelho que prega e suas cartas como cumprimento e revelação do mistério (cf. At 13,22-41; Rm 16,25-26; 1Cor 4,1; 15,15; Ef 3,3-4; Cl 4,3). A identificação de Paulo como profeta se dá concomitantemente com sua conversão e vocação. “O profeta (נָבִיא) do Antigo Testamento foi também chamado de vidente (רֹאֶה), devido ao papel significativo que as visões desempenhavam com frequência na atividade profética”¹³ (cf. 1Sm 9,9; Is 1,1; 6,1-13; Ez 1,1; 8,4; Na 1,1). E o Apóstolo também participa deste processo fenomenológico (cf. At 9,3-7; 16,6-10; 18,5-11; 20,20-23.25.29; 27,22-44; 1Cor 2,10; 14,37; 2Cor 12,1-7; Gl 1,12.16; 1Ts 4,15); E exatamente devido à sua experiência profética inerente à sua missão, Paulo é descrito como aquele que pratica o discernimento quanto a possibilidade da atuação de falsos profetas, tal qual os profetas de Israel (cf. Ez 13,6-9; At 13,6-11; 16,16-18; 1Cor 14,3-5.29-33.37-40; Gl 1,6-9; 1Ts 5,19-22; 2Ts 2,2). Neste caso o Apóstolo pronuncia anátema contra a falsa profecia conforme a prescrição da Lei (cf. Dt 13,1-18; 20,17-18; Gl 1,8-9).

Ciampa comenta o texto de Gálatas 1,6-10 e sugere que há um conceito de apostasia que governa esta unidade:

Quando se aponta que os gálatas tão rapidamente passaram daquele que os tinha chamado à graça de Cristo para outro evangelho sinaliza-se que estes seguiram o exemplo dos israelitas no Sinai. (...) Similarmente, abandonar a revelação de Deus é frequentemente descrito ou entendido na tradição judaica como o deixar a Deus e se voltar aos ídolos (cf. Ex 32,8; Dt 9,12.16; 11,28; 31,16.18.20.29; 32,16-17.21; Jz 2,17; Ml 2,11; Jt 5,7-8.18). À luz deste contexto o relacionamento em Gálatas entre deixar a Deus e voltar-se para outro evangelho que eles não conheciam é similar à ambiguidade encontrada em Êxodo e nos textos relacionados.

¹³ ROBECK JR, C. M. Verbete Profecia, profetizar em HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G. Eds Dicionário de Paulo e suas cartas. p. 1008-1018. Neste parágrafo houve adaptação e reelaboração de pontos pertinentes à pesquisa.

(...) Para os oponentes de Paulo, pregar um evangelho que eles não conheciam anteriormente, um evangelho que de fato não é evangelho, evoca o material escriturístico sobre a pregação de deuses que os israelitas não conheciam, que de fato não eram deuses. (...) Parece que os novos mestres da Galácia são descritos como que atuando no papel de falsos profetas que estão seduzindo o povo para a apostasia. Devido ao fato que a proclamação do evangelho é um ministério profético e os oponentes de Paulo estão pregando um falso evangelho, assim eles podem ser categorizados asperamente como um tipo de falsos profetas.¹⁴

Sandnes também salienta o chamado apostólico de Paulo (cf. Gl 1,15-16) contrastado e usado de forma apologética contra a falsa profecia e destaca o pano de fundo vétero-testamentário para tanto:

Paulo utiliza seu chamado apologeticamente, a fim de legitimar sua reivindicação como apóstolo. Há uma correspondência interessante com as narrativas de chamado do Antigo Testamento. O chamado de Isaías (cap. 6) introduz a história do conflito entre o profeta e o rei, e legitima a autoridade do profeta. Amós, em seu conflito com o sacerdote Amazias, recorre ao seu chamado para demonstrar sua autoridade (Amós 7:14-15). Isto pode ser mais claramente visto em Jeremias. Jeremias foi comissionado diante de um povo que odiava suas profecias (Jr. 1:8.18). Seu chamado foi repetidamente contestado em seus encontros com falsos profetas. Na polêmica contra os falsos profetas, Deus nega que eles tenham sido enviados (שלח), e que Ele tenha lhes falado (דבר), (Jr. 23:18.21). Este vocabulário se refere a um chamado (Jr. 1:7) que aqui é rejeitado. Eles não são chamados. O mesmo vocabulário é negado, em relação aos falsos profetas, em Jr 14:14-15; 23:32; Ez. 13:6-9. No coração da polêmica está o fato de que os falsos profetas não foram chamados.¹⁵

¹⁴ CIAMPA, R. E. *The Presence and Function of Scripture in Galatians 1 and 2*. p. 243-244. Tradução minha.

¹⁵ SANDNES, K. O. *Paul- One of the Prophets?* WUZNT, Tübingen, Mohr Siebeck, 1991, p. 67. Tradução minha.

Segundo o autor acima¹⁶ o próprio Jeremias foi acusado de ser um falso profeta. Ao predizer a queda do Templo Jeremias suscitou a ira do povo e teve que se defender (cf. Jr. 26:12-15). Sua apologia começa com a declaração de que fora chamado (cf. Jr. 26:12) e também conclui com a mesma ênfase “na verdade, o SENHOR me enviou a vós” (בָּא מֵת שְׁלַחְתִּי יְהוָה cf. Jr. 28:9.15). Além disto, ele foi desafiado por pregar, (cf. Jr. 43:2), um termo frequentemente usado para as falas dos falsos profetas (cf. Jr. 5:31; 23:22; 1Rs 22:22-23). Isto mostra que a negação do envio do profeta é uma maneira de lhe declarar um falso profeta (cf. Jr. 28:15-16). Bem próximo quanto esta questão, a legitimidade de envio pode ser vista em Zc 2:12.13.15; 6:15, onde se encontra o mesmo critério para a distinção da verdadeira e falsa profecia.

Os paralelos que podem ser traçados entre o Apóstolo e os profetas de Israel são diversificados:

1. A missão de Paulo como enviado de Deus: (cf. Is 49,6 e At 13,47; Is 42,7.16; 61,1 e At 26,17-18; Jr 1,7-8.19 e At 26,17).
2. A autoridade¹⁷ de Paulo (cf. 2Cor 10,8; 13,10 e Jr 1,10).
3. A compulsão para a pregação (cf. At 20,26; 1Cor 9,16-19; 1Ts 2,4 e Jr 4,19; 6,11; 20,7-9; 23,9.29; Ez 3,17-19; 33,7-9; Am 3,7-8).
4. A oposição ao seu ministério (cf. 1Cor 9,3; 1Ts 2,3.5-6 e Jr 16,1-4).
5. O agir pneumatológico no ministério do Apóstolo (cf. At 13,2; 16,6-10; 20,22-23; 1Cor 2,4.13; 7,40; 1Ts 1,5; Rm 15,17-19 e Is 48,16; 59,21; Jr 1,4; Ez 2,2; 3,12; Mq 3,8; Zc 7,12).

Também se pode notar a identificação de Paulo como profeta no relato de Lucas quanto aos líderes da Igreja em Antioquia, Paulo

¹⁶ SANDNES, K. O. Paul- One of the Prophets? WUZNT, Tübingen, Mohr Siebeck, 1991, p. 67.

¹⁷ SANDNES, K. O. Paul- One of the Prophets? P. 9. Este autor também comenta sobre a autoridade e o “autoentendimento profético de Paulo” (*Zum prophetischen Selbstverständnis des Paulus*) e afirma que Paulo, como os profetas exerce o juízo da autoridade divina, pois atua como mediador da mensagem, veredito e juízo divino. Ele divide esta autoridade em três aspectos: “Exortação profética” (*prophetischer Mahnrede*), (cf. Rm 13,11-14; 1Ts 5,1-11; 1Cor 7,29-31); “Pregação profética de juízo” (*prophetische Gerichtspredigt*), (cf. Rm 16,17-20; Fp 3,17-4,1; Gl 1,6-9); “Anúncio profético de salvação” (*prophetische Heilsverkündigung*), (cf. 1Ts 4,13-17; Rm 11,25-26). Tradução minha.

é mencionado entre os “profetas e mestres” (προφήται καὶ διδάσκαλοι) que ministravam ali (cf. At 13,1). Parece que o autor de Atos conserva certa intercambialidade entre os termos, pois no contexto maior Barnabé e Paulo são descritos em sua tarefa de mestres em Antioquia (διδάσκω, cf. At 11,26). No versículo seguinte são mencionados profetas (προφήται) advindos de Jerusalém também para Antioquia (cf. At 11,27). Em um capítulo próximo, novamente em Antioquia os dois termos são mencionados em conjunto¹⁸ (προφήται καὶ διδάσκαλοι) e uma possível tradução seria “profetas mestres”¹⁹ assim como temos “pastores mestres” (ποιμένες καὶ διδασκάλους) em Efésios (cf. Ef 4,11). Esta possível intercambialidade²⁰ utilizada por Lucas fica mais evidente quando Paulo, que já fora mencionado como mestre e profeta (cf. At 11,26; 13,1), pronuncia juízo contra o falso profeta (ψευδοπροφήτης) Elimas. Neste relato Paulo que fora chamado pelo Espírito Santo e comissionado pela igreja (cf. At 13,2-3) age como os profetas de Israel, sobrenatural e pneumatologicamente, “Paulo Cheio do Espírito Santo”, (Παῦλος πλησθεὶς πνεύματος ἁγίου), e rebate a atuação maligna do falso profeta (cf. At 13,8-11).

Miller concorda com a posição de que o confronto com Elimas indica que Barnabé e Paulo estavam inclusos entre os profetas:

A identificação de Elimas como um falso profeta não é coincidente. Nós temos aqui um conflito clássico entre profetas falsos e verdadeiros. A combinação da terminologia (προφήτ-) e a caracterização profética leva à conclusão de que Lucas esperava que seus leitores considerassem Paulo e Barnabé como profetas (...) Uma vez que

¹⁸ Deve-se notar que na tradição paulina os termos são destacados separadamente (cf. 1Cor 12,28; Ef 4,11).

¹⁹ PARSONS, M. C. Acts. PARSONS, M. C.; TALBERT, C. H.; Gen Eds. PCNT. Grand Rapids, Michigan, Baker Academic, 2008, p. 184. Este autor menciona que a liderança da congregação de Antioquia consistia de “mestres-profetas”, que expressavam exortações e instruções inspiradas pelo Espírito; Também menciona a combinação entre profetas e mestres presente no Didaquê.

²⁰ BARRETT, C. K. Acts. London: T & T Clark, 2002. p. 24,177,191. Este autor admite a possibilidade de que os cinco nomes mencionados da liderança da igreja em Antioquia, atuassem tanto como profetas quanto mestres (cf. At 13,1).

se reconheça que Lucas tenha incluído Paulo e Barnabé entre os profetas de Atos 13:1, é possível identificar outras características atribuídas a Paulo e Barnabé (...) Como os profetas do AT, Paulo foi escolhido por Deus (cf. At 9:15; 22:14; 26:16) e enviado para proclamar uma mensagem (cf. At 26:16-17); Ele experimentou perseguição (cf. At 9:16); teve visões (cf. At 16:9; 18:9; 22:17-21; 27:21-25), predisse o futuro (cf. At 27:10); Exerceu discernimento sobrenatural (cf. At. 14:9); Realizou milagres que são descritos como “sinais e maravilhas” (cf. At 14:8-11; 15:12; 16:16-18; 19:11-12; 20:7-12; 28: 3-10). Barnabé também é caracterizado como “um homem bom, cheio do Espírito Santo e fé” (cf. At 11:24).²¹

Bonneau²² não tem dúvidas sobre a necessidade de contar Paulo tanto entre os apóstolos quanto entre os profetas que desempenharam um papel essencial, não somente na fundação do cristianismo, mas, ainda mais na sua expansão no território helenístico.

Pode-se contestar como equivocada a afirmação de Comblim sobre a compreensão que Paulo tinha de si mesmo como profeta:

Alguns perguntam se Paulo se considerava profeta. Ora, ele sempre reivindicou o título de apóstolo e nunca falou de si mesmo como de um profeta. Por sinal, se todos os cristãos podem profetizar, todos têm o aval de ser profetas (...) Paulo pode também profetizar, mas não é profeta (...) No entanto, ele enxerga a sua vocação de apóstolo na linha das vocações dos profetas Jeremias (cf. Jr 1,4-5) ou Isaías (cf. Is 49,1-6). Ele recebeu a missão de realizar a esperança dos profetas quanto à chegada das nações no povo de Deus (cf. Rm 1,5-6.13-15; 11,13; 15,7-21).²³

Em um único parágrafo, o autor acima citado coloca ideias contraditórias, pois tenta democratizar uma missão que é específica.

²¹ MILLER, D. Luke's Conception of Prophets Considered in the Context of Second Temple Literature. Tese apresentada à Escola de Estudos Graduados como cumprimento parcial dos requerimentos para o grau de Doutor em Filosofia. MacMaster University. Hamilton, October, 2004, p. 117-118. Tradução minha.

²² BONNEAU, G. Profetismo e Instituição no Cristianismo Primitivo. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 229.

²³ COMBLIM, J. A profecia na Igreja. São Paulo: Paulus, 2009, p. 79.

Aliás, ele mesmo cita textos que são bem claros sobre o papel singular do Apóstolo Paulo.

Quanto à possibilidade de “todos os cristãos poderem profetizar”, deve-se observar a distinção entre profetizar como termo “não técnico” no sentido de “falar das grandezas de Deus”, neste aspecto a profecia é para todos; Profetizar como carisma do Espírito Santo (cf. Rm 12,6; 1Cor 12,10.28; 14,1.3.29-32; 1Pd 4,11). Neste sentido, Paulo ensina sobre as funções específicas na Igreja e faz a pergunta retórica: “são todos profetas?” (μή πάντες προφήται; cf. 1Cor 12,27-29), na construção de seu argumento, ele espera uma resposta negativa. E profetizar como um portador da revelação divina, neste sentido a profecia é bem singular (cf. Gl 1,12).

Moon²⁴ desenvolveu um estudo sobre os “profetas por excelência” em que verifica Moisés, Samuel e Elias, como profetas extraordinários que executam a tarefa sacerdotal, bem como a tarefa legisladora da renovação da Aliança. Estas personagens fundamentariam, segundo ele, o papel do próprio Jesus e seus apóstolos como profetas tanto no Evangelho de Lucas quanto nos Atos dos Apóstolos. Ele discorre sobre o tema da distintividade entre os agentes de profecia tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Comenta que a própria Escritura especifica diferenças entre profetas comuns²⁵ e profetas por excelência (cf. Dt 18,15-19; 34,10-12; 2Rs 2,9.15; Lc 4,18-19; At 1,21-22; 9,15-16). Por exemplo, Moisés é descrito como um protótipo de “profeta por excelência” e esta superioridade teria as seguintes causas:

1. Seu relacionamento íntimo com Deus (cf. Ex 19,20; 20,20-21; 24,15-28).

²⁴ MOON, S. Jesus and his Apostles as Prophets Par Excellence in Luke-Acts. Stellenbosch: Thesis presented in partial fulfilment of the requirements for the degree of Master of Theology in the Faculty of Theology at Stellenbosch University, December 2013.

²⁵ O referido também pode ser constatado no Novo Testamento onde também são apresentados “profetas comuns” (cf. At 11,27-28; 13,1-3; 15,32; 21,10-11). Deve-se salientar, entretanto, que entre estes “profetas comuns” é mencionado Paulo que já fora vocacionado de maneira especial por Jesus e agora separado pelo Espírito para a execução de sua missão Apostólica e profética (cf. At 9,6.15.17.20; 13,1-3).

2. A recepção e revelação da Torá no Sinai (cf. Nm 12,6-8; Dt 18,15-22; 34,10-12).

Segue-se uma conexão intertextual de Moisés com Samuel e Elias, sendo que estes também exercem o papel de sacerdotes bem como tem sua ligação com a Torá através da renovação da Aliança (cf. Ex 19,24; Dt 29-33; 1Sm 7,2-12; 11,15-12,25; 1Rs 18,20-46). Assim, a revelação e renovação da Aliança sempre estiveram atreladas ao início de uma nova fase da história progressiva do povo de Deus. O autor propõe que no Novo Testamento se dá esta mesma configuração em Jesus e seus Apóstolos. Eles são escolhidos e ungidos para missões especiais. Ainda faz uma interessante associação entre a entrega da Lei no Sinai e o evento do Pentecostes, inferindo na legitimação dos Apóstolos como profetas, devido sua ligação com a sua unção e ligação com a palavra do Senhor.

Miller vai nesta mesma linha e apoia a caracterização profética dos discípulos/apóstolos, principalmente após o Pentecostes:

O Evangelho de Lucas às vezes atribui características proféticas aos discípulos (...) Em Lucas 9:61-62, a resposta de Jesus sobre que poderia ser discípulo ecoa a resposta de Elias para Eliseu em 1 Rs 19:20. Em Lucas 9:52-56, o pedido dos discípulos para evocar fogo dos céus como Elias fez, sugere que eles associaram a si mesmos com o papel de Elias. Em Lucas 10, a missão dos Doze é estendida à missão dos setenta enviados por Jesus para curar enfermos e proclamar que “o reino de Deus é chegado a vós” (Lc. 10:9). A missão é tão intimamente relacionada a própria obra de Jesus, que aqueles que rejeitam os mensageiros também o rejeitam (Lc. 10:16). Se Jesus foi um profeta e os discípulos compartilharam de sua missão, então uma comparação dos apóstolos com a “companhia dos profetas” das narrativas de Elias e Eliseu é coerente (...) Jesus chamou os discípulos abençoados porque eles viram coisas que os profetas almejavam ver (Lc. 10:21-24); A eles também foi permitido conhecer os segredos do Reino (Lc. 8: 9-10).²⁶

²⁶ MILLER, D. Luke's Conception of Prophets Considered in the Context of Second Temple Literature. p. 146-147. Tradução minha.

Miller²⁷ prossegue com seu argumento afirmando que após o Pentecostes, os doze apóstolos são retratados de maneira a corresponder à compreensão que Lucas faz dos profetas:

1. A função primária dos apóstolos é testemunhar da vida e ressurreição de Jesus (cf. At 1,8.22; 2,32; 3,15; 5,32; 10,39.41; 13,31).
2. Proclamar a palavra de Deus (cf. At 2,41; 4,4.29.31; 6,2.4.7; 8,25; 11,21).
3. Fazer milagres (cf. At 2,43; 3,1-10; 5,12; 4,33).
4. Ser perseguidos por falar a palavra de Deus (cf. At 5,29-32.40-42).
5. Falar sob a inspiração do Espírito Santo (cf. At 4,8).
6. Discernir pensamentos (cf. At 5,3.9).
7. Ter visões (cf. At 10,10-17).
8. Ser instruídos sobre o que falar pelo Espírito Santo (cf. Lc 10,19-20).

Os argumentos apresentados acima ratificam a relação muito próxima entre profetas e os Apóstolos. Jesus é O profeta como Moisés (cf. Dt 18,15-22). Jesus é profeta e ungido para tanto (cf. Is 61,1; Lc 4,16-21). Ele anuncia a chegada de um novo tempo, inclusive o estabelecimento da “Nova Aliança” (cf. Jr 31,31-34; Lc 22,20), portanto uma nova etapa no desenvolvimento da história do povo de Deus. Mas o Senhor ascende aos céus como prometera, não sem antes delegar poder aos Apóstolos e instruir sobre o cumprimento da promessa do Espírito (cf. Mt 28,18-20; Jo 14-16; At 1,6-9).

No evento do Pentecostes nos vemos o início de uma nova fase, a descida e unção do Espírito e o estabelecimento dos “últimos dias” (cf. At 2,1-19). A partir daí a Igreja é edificada na doutrina dos apóstolos (τῆς διδασχῆς τῶν ἀποστόλων, cf. At 2,42).

Tudo isto fundamenta e está em conformidade com a autoconsciência apostólica e profética (1Cor 1,1;13,9;14,6) de Paulo, “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus” (Παῦλος ἀπόστολος

²⁷ MILLER, D. Luke’s Conception of Prophets Considered in the Context of Second Temple Literature. p. 148-149. Tradução minha.

Χριστοῦ Ἰησοῦ διὰ θελήματος θεοῦ' cf. Ef 1,1). Ele é um arauto do descobrimento do mistério da vontade de Deus (μυστήριον τοῦ θελήματος αὐτοῦ, cf. Ef 1,9) e o faz através de revelação (ἀποκάλυψις, cf. Ef 1,17). A Igreja é edificada sobre Jesus que é a “pedra angular”, mas também sobre o “fundamento dos apóstolos e profetas” (τῷ θεμελίῳ τῶν ἀποστόλων καὶ προφητῶν, cf. Ef 2,20; 4,11-12).

E mais uma vez, os profetas são portadores da revelação, “como agora tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas” (ὡς νῦν ἀπεκαλύφθη τοῖς ἀγίοις ἀποστόλοις αὐτοῦ καὶ προφήταις ἐν πνεύματι, cf. Ef 3,5-6).

Na carta aos Romanos o Apóstolo mescla os termos “seu Evangelho” (τὸ εὐαγγέλιόν μου) “revelação do mistério” (ἀποκάλυψιν μυστηρίου) e “Escrituras dos profetas” (γραφῶν προφητικῶν, cf. Rm 16,25-26). Paulo coloca estas expressões de maneira justaposta expressando a consciência que as Escrituras de Israel constituíam o fundamento e os escritos apostólicos o cumprimento. O Apóstolo tem ciência que sua pregação e ensino de fato são a Palavra de Deus como diziam os profetas do Antigo Testamento: “Assim diz o Senhor” (cf. 1Ts 1,5; 2,2.4.8-9.13.15).

Aune concorda com este aspecto escatológico da profecia do Novo Testamento:

Para Paulo e o autor de Lucas-Atos, este *insight* poderia ser aplicado ao Antigo Testamento (2Cor 3:14-18; Lc 24:45). Em 1 Cor 2:6-16, Paulo declara que o Espírito de Deus capacitava cristãos para entenderem a secreta e escondida sabedoria de Deus (isto é, o Evangelho de Cristo) que havia sido revelada para aqueles que receberam o Espírito. A noção de um “mistério de Deus escondido por épocas, mas agora revelado” tem sido chamado de “esquema da revelação” e ocorre com alguma frequência na literatura paulina (Cl 1:26-27; Ef 3:5.9-10; Rm 16:25-26). Este “esquema da revelação” é especialmente ligado ao entendimento cristão do Antigo Testamento em Rm 16:25-26: “Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus

Cristo, conforme a revelação do mistério (ἀποκάλυψιν μυστηρίου) que desde tempos eternos esteve oculto, Mas que se manifestou (φανερωθέντος) agora, e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé”. Aqui o termo grego traduzido por “manifestou” está na voz passiva, e funciona como um circunlóquio usado para evitar mencionar Deus como sujeito de um verbo finito e, portanto pode ser traduzido como “Deus tem manifestado”.²⁸

Ellis²⁹ destaca que a interpretação das Escrituras, geralmente nas sinagogas, é uma característica chave da missão dos profetas do Novo Testamento e cita, entre outros, Paulo como exemplo (cf. At 9,20-22; 13,5.16-41; 17,2ss.17.22-31; 18,4; 19,8;26,22ss; 28,23).

O Apóstolo demonstra-se convicto de seu chamado profético também pela forma que considera seu papel na “nova fase” do desenvolvimento do plano de Deus, a partir da ressurreição de Cristo (cf. 1Cor 15,20) e seu encontro com Ele. Paulo aponta para “a plenitude dos tempos” (τὸ πλήρωμα τοῦ χρόνου, cf. Gl 4,4) e também para “nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos” (εἰς οὓς τὰ τέλη τῶν αἰώνων κατήντηκεν, 1Cor 10,11). Também destaca “o tempo” que torna nossa salvação mais próxima (τὸν καιρόν, cf. Rm 13,11). Estas expressões são paralelas com o modo pelo qual os profetas de Israel se referiam aos tempos do fim, isto é, “nos últimos dias” (בְּאַחֵרֵי הַיָּמִים, cf. Is 2,2; Jr 23,20; 30,24; Ez 38,16; Dn 2,28; 10,14; Os 3,5; Mq 4,1).

Myers e Freed³⁰ mencionam sete pontos que apontam para o relacionamento de Paulo e os profetas:

1. Paulo tem uma predileção pelos profetas e frequentemente os cita.

²⁸ AUNE, D. E. *Apocalypticism, Prophecy and Magic in Early Christianity*. WUZNT 199. Tübingen, Mohr, 2006, p. 295. Tradução minha.

²⁹ ELLIS, E. E. *Prophecy and Hermeneutics in Early Christianity: New Testament Essays*. Tübingen: Mohr, 1978, p.132.

³⁰ MYERS, J. M.; FREED, E. D. Is Paul also among the Prophets? *Int* 20, 1966, p. 40-53.

2. Os profetas do Antigo Testamento são chamados de “servos do Senhor” e Paulo chama a si mesmo de “servo de Cristo”.
3. Ele fala favoravelmente sobre o fenômeno da profecia cristã.
4. Muito da linguagem que ele emprega tem uma qualidade poética.
5. Ele experimentou um “período de deserto”.
6. Ele, tal qual os profetas de Israel, teve visões.
7. Ele discordou e confrontou os falsos profetas como alguns profetas do Antigo Testamento fizeram.

Aernie³¹ analisa o relacionamento de Paulo com a tradição profética do Antigo Testamento, tanto literária quanto teologicamente. Após fundamentar seu estudo discorrendo sobre o desenvolvimento da tradição profética; começa a traçar paralelos entre o chamado de Paulo como Apóstolo e profeta com personagens das Escrituras de Israel. Também examina o material em 2Coríntios no qual apresenta várias dimensões do autoentendimento apostólico de Paulo em termos de figuras proféticas específicas, isto é: Moisés (cf. 2Cor 2,16-3,18), o Servo em Isaías (cf. 2Cor 5,14-6,2) e Jeremias (cf. 2Cor 3,1-6; 10,8.17; 13,10). Também investiga a influência profética do desenvolvimento de Paulo em certas porções de seu argumento retórico na epístola (cf. 2Cor 2,14-16; 4,1-6; 6,14-7,1; 12,1-10).

Costa também encontra um paralelo entre o chamado dos profetas³² (mais especificamente Elias³³) e o chamado apostólico de Paulo em que ambos também visavam os gentios:

³¹ AERNIE, J. W. Is Paul also among the Prophets? An Examination of the Relationship between Paul and Old Testament Prophetic Tradition in 2 Corinthians. London, T & T Clark International, 2012, p. 2-192.

³² Reiteradas vezes os profetas de Israel também se pronunciaram às nações gentias (cf. Is 13-23; Jr 1,5; Ez 25-32; Am 1-2,3).

³³ Eliseu também constitui um paralelo (cf. 2Rs 5,1-18). O Senhor Jesus se referiu às narrativas de Elias e Eliseu em contato com os gentios ao fazer um paralelo ao seu próprio ministério profético (cf. Lc 4,24-27).

Paulo via a si mesmo nos termos proféticos como Elias, que apareceu (...) Em um tempo quando a nação de Israel praticava extensa apostasia de Yavé e adorava a Baal. O ministério de Elias implicava um chamado para que Israel retornasse a Yavé. Como nos dias de Elias, somente um pequeno remanescente cria em Yavé (1Rs 19:18), assim também Paulo vê seus próprios dias como análogos aos de Elias (Rm 11:2-5), em que somente um pequeno remanescente de Israel creu em Jesus como Messias (Rm 9,27). Paulo justifica sua teologia de um remanescente no profeta Isaías, que também falou de um remanescente fiel em seus dias (Is 1:9; 10:22) (...) Se nós retornarmos à analogia de Elias notaremos que ele também teve contato com os gentios (1Rs 17:7-24). Paulo pode, portanto, ter visto sua missão aos gentios proporcional ao ministério profético de Elias (...) Sua visão estava enraizada na visão escatológica dos profetas que antecipavam o tempo quando os gentios poderiam vir a reconhecer Yavé como único Deus verdadeiro a ser adorado (Is 2:1-4; Zc 8:20-23). Paulo poderia ver a si mesmo como cumprimento destas visões proféticas do conhecimento de Yavé chegando aos gentios.³⁴

Este mesmo autor³⁵ também comenta que outra semelhança que pode ter influenciado o Apóstolo seria a missão do Servo em Isaías (cf. Is 49,1). O Servo se dirige aos gentios (ἐθνῶν). Sua missão também é descrita como sendo a seguinte: “te dei para luz dos gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra” (εἰς φῶς ἐθνῶν τοῦ εἶναί σε εἰς σωτηρίαν ἕως ἐσχάτου τῆς γῆς, cf. LXX Is 49,6). Paulo também descreve sua missão com este propósito: “para que o pregasse entre os gentios” (ἵνα εὐαγγελίζωμαι αὐτὸν ἐν τοῖς ἔθνεσιν, cf. Gl 1,16). Enquanto o Servo em Isaías proclama o SENHOR (κύριος na LXX) aos gentios, Paulo proclama o Filho de Deus, o Senhor (κύριος), aos gentios.

³⁴ COSTA, T. “Is Saul of Tarsus also among the Prophets?” Paul’s Calling as Prophetic Divine Commissioning in PORTER, S. E.; PITTS, A. W. Social in Literary Contexts for the New Testament. p. 231-233. Tradução minha.

³⁵ COSTA, T. “Is Saul of Tarsus also among the Prophets?” Paul’s Calling as Prophetic Divine Commissioning in PORTER, S. E.; PITTS, A. W. Social in Literary Contexts for the New Testament. p. 231-233.

O ministério aos gentios também encontra paralelo no chamado de Jeremias. Paulo via seu chamado como uma designação para proclamar as boas novas aos gentios, ou nações (τοῖς ἔθνεσιν). Jeremias, de igual forma, também foi consagrado para ser um “profeta para as nações” ou gentios (προφήτην εἰς ἔθνη, cf. Jr,1,5).

Quanto às personagens específicas descritas acima Wagner descreve de maneira detalhada e abrangente os paralelos da carta de Paulo aos Romanos com a descrição do Servo em Isaías. Aqui temos um breve resumo:

Em Romanos, Paulo apela explicitamente para à Escritura a fim de explicar e justificar aos cristãos de Roma seu trabalho missionário e evangelístico “Primeiro do judeu e também do grego” (Rm 1:16). Ao longo da carta Paulo argumenta e alista múltiplos testemunhos da Torá, Profetas e Salmos para atestar o fato que a justiça divina (sua aliança de fidelidade) está sendo revelada através do Evangelho que Paulo prega. Particularmente importante para o entendimento de Paulo de seu próprio papel no ativo propósito redentivo de Deus, são as três citações de Isaías 52-53. Isaías 52:7 (Rm 10:15); Isaías 53:1 (Rm 10:16); Isaías 52:15 (Rm 15:21). A maneira pela qual Paulo usa estas citações sugere que esta seção de Isaías exerceu uma profunda e formativa influência sobre a concepção de seu ministério apostólico.³⁶

Considerações finais

Evidencia-se, portanto, de maneira categórica que o Apóstolo possuía um autoentendimento do caráter profético de sua pessoa, missão e mensagem. Vê-se como um elemento fundante desta nova fase escatológica do povo de Deus e detentor da revelação do mistério do plano de Deus (cf. Ef 2,17.20; 3,2-10). Identifica-se plenamente com

³⁶ WAGNER, J. R. The Heralds of Isaiah and the Mission of Paul. An Investigation of Paul's use of Isaiah 51-55 in Romans in BELLINGER JR, W. H.; FARMER, W. R. Jesus and the Suffering Servant. Isaiah 53 and Christian Origen. Harrisburg: Trinity Press International, 1998, p.194. Tradução minha.

o *modus operandi* profético como descrito nas Escrituras de Israel; Em que é chamado e enviado diretamente por Deus, registra a Escritura de maneira inspirada pelo Espírito, tem um profícuo ministério de pregação, confronta e pronuncia palavras de juízo contra a falsa profecia, realiza sinais e maravilhas, exorta seu povo para a prática da piedade e é também enviado às nações.

Bibliografia

- AERNIE, J. W. Is Paul also among the Prophets? An Examination of the Relationship between Paul and Old Testament Prophetic Tradition in 2 Corinthians. London, T & T Clark International, 2012.
- AUNE, D. E. Apocalypticism, Prophecy and Magic in Early Christianity. WUZNT 199. Tübingen, Mohr, 2006.
- AUNE, D. E. Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World. Grand Rapids, Michigan: W. Eerdmans Publishing Co., 1983.
- BARRET, C. K. Acts. London: T & T Clark, 2002.
- BECKER, J. Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia. Santo André: Editora Academia Cristã, 2007.
- BONNEAU, G. Profetismo e Instituição no Cristianismo Primitivo. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CIAMPA, R. E. The Presence and Function of Scripture in Galatians 1 and 2. WUZNT 102. Tübingen: Mohr Siebeck, 1998.
- COMBLIM, J. A profecia na Igreja. São Paulo: Paulus, 2009.
- COSTA, T. “Is Saul of Tarsus also among the Prophets?” Paul’s Calling as Prophetic Divine Commissioning in PORTER, S. E.; PITTS, A. W. Social in Literary Contexts for the New Testament. Leiden: Brill, 2013.
- ELLIS, E. E. Prophecy and Hermeneutics in Early Christianity: New Testament Essays. Tübingen: Mohr, 1978.
- EVANS, C. A. Paulo como profeta em HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G.. Eds Dicionário de Paulo e suas cartas. São Paulo: Vida Nova – Paulus – Loyola, 2008.
- FINNY, P. “Apostle to the Gentiles”, the Origins of Pauline Pneumatology. Durhan: Tese de doutorado apresentada à Durhan University, 2003.

- KIM, T. H. The Origin of Paul's Concern for the Gentiles and Paul's Gentile Mission. Bloemfontein, South Africa: Tese de doutorado apresentada à University of the Free State, 2007.
- MILLER, D. Luke's Conception of Prophets Considered in the Context of Second Temple Literature. Tese apresentada à Escola de Estudos Graduados como cumprimento parcial dos requerimentos para o grau de Doutor em Filosofia. MacMaster University. Hamilton, October, 2004.
- MOON, S. Jesus and his Apostles as Prophets Par Excellence in Luke-Acts. Stellenbosch, Western Cape: Thesis presented in partial fulfilment of the requirements for the degree of Master of Theology in the Faculty of Theology at Stellenbosch University, December 2013.
- MYERS, J. M.; FREED, E. D. Is Paul also among the Prophets?. Int 20, 1966.
- PARSONS, M. C. Acts. PCNT. Grand Rapids, Michigan: Baker Academic, 2008.
- ROBECK JR, C. M. Verbete Profecia, profetizar em HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G.. Eds. Dicionário de Paulo e suas cartas. São Paulo: Vida Nova – Paulus – Loyola, 2008.
- SANDNES, K. O. Paul- One of the Prophets? WUZNT, Tübingen: Mohr Siebeck, 1991.
- SEGAL, A. F. Paul the Convert. The Apostolate and Apostasy of Saul the Pharisee. London: Yale University Press, 1990.
- WAGNER, J. R. The Heralds of Isaiah and the Mission of Paul. An Investigation of Paul's use of Isaiah 51-55 in Romans in BELLINGER JR, W. H.; FARMER, W. R. Jesus and the Suffering Servant. Isaiah 53 and Christian Origins. Harrisburg: Trinity Press International, 1998.

Recebido em: 22/10/2015

Aprovado em: 28/04/2016